

«O normal é que haja governo e oposição, e que ésta seja ativa e vigilante»

"ACREDITO QUE MAIS CERTO SEJA A DE TRATAR-SE DE UMA "SEGUNDA FORÇA" A PROPOSTA DO DEPUTADO AFONSO ARINOS, ISTO É DA FÔRÇA QUE NENHUM REGIME DEMOCRÁTICO PODE DISPENSAR" — A ALTA DO CUSTO DE VIDA: "FENÔMENO NATURAL, AGRAVADO PELA ESPECULAÇÃO DESALMADA DE MUITOS"

De regresso da estância hidromineral de Irat, onde esteve durante um mês, repousando em companhia de sua esposa, chegou a esta capital, ante-ontem, o deputado federal Raul Pilla, líder nacional do Partido Libertador e um dos batalhadores, da campanha pela implantação em nossa Pátria, do regime de Gabinete, ou seja o tão decantado e apregoado Parlamentarismo.

Batalhador incansável, opositor por vocação, o Prof. Raul Pilla, se projetou e continua sendo, uma das maiores personalidades do cenário político nacional, sendo, portanto, sua palavra, sempre acatada, pelos amigos e até por adversários políticos. O presidente nacional do Partido Libertador, de há muito, vem mantendo uma campanha visando a instituição no Brasil, do sistema de governo parlamentar, através da imprensa, e da tribuna parlamentar, donde, aliás, tem se destacado com raro brilho e honestidade política.

Natural, portanto, que prociado desta capital, "Diário de Notícias" e Estado do Rio Grande o que, em muito facilitou a tarefa dos jornalistas que o procuram. Fomos encontrá-lo, na sede do Partido Libertador, em companhia de um outro veterano líder libertador, ex-secretário do dr. Assis Brasil, quando Ministro da Agricultura, o sr. Anacleto Firpo, tendo o representante libertador do Rio Grande do Sul no Parlamento Nacional, se posto a disposição do reporter, para externar suas impressões, desde que fôssemos breves, pois s.s. não dispunha de muito tempo, já que estava de viagem marcada para o dia seguinte e, ainda, com muitos afazeres em Porto Alegre.

A CHAMADA "TERCEIRA FORÇA"

Um dos acontecimentos que tem estado com insistência nas páginas da imprensa carioca, é a série de demarches realizadas pelo deputado mineiro da U.D.N. sr. Afonso Arinos, junto a deputados opositoristas, no sentido de argumentá-los no que os jornais denominaram de "terceira força". Sobre este assunto, o líder Libertador assim se expressou:

— Não tenho informações precisas sobre a chamada "terceira força", pois quando saí do Rio de Janeiro, há um mês, ainda não se falava no caso. Não me excuso, entretanto, de apreciar o tema á luz do conhecimento geral que tenho da situação.



Deputado Raul Pilla

Preliminarmente, parece-me pouco adequado o nome. Não se trata, realmente, de uma "terceira força", que só o seria se já houvessem duas. Que vemos porém? Uma grande maioria parlamentar a apoiar o governo, ao lado de forças políticas de tendência opositorista, sem embargo das hesitações e transigências de alguns elementos. O que se trata agora, segundo me parece, é de aglutinar e organizar todos estes elementos, cuja base há de ser a U.D.N., a fim de se ter, verdadeiramente, uma oposição parlamentar bem organizada. Tratar-se-ia, pois, em verdade, de uma "segunda força", isto é, da força que nenhum regime democrático pode dispensar.

Posta a questão em tais termos, não vejo como se possa condenar a iniciativa do sr. Afonso Arinos. É uma necessidade do regime e, até, do próprio governo, que, recebendo uma crítica ativa e eficiente, terá menores facilidades de praticar erros clamorosos.

A ALTA DO CUSTO DE VIDA

A seguir pedimos sua opinião, sobre as recentes majorações nos preços de diversos gêneros de primeira necessidade, que vieram agravar a crescente alta do custo de vida. Disse-nos o deputado Raul Pilla, o seguinte:

— A crescente alta do custo da vida é um fenômeno natural. A especulação desalmada de muitos a agrava, mas ela nada mais faz do que inserir-se em causas perturbadoras profundas. A inflação, que não cessou, é uma delas. Outra é a deficiência de transportes. Outra, ainda, largamente atuante desde de 1930, é a atenção que, quase exclusivamente, mereceram as cidades,

em detrimento dos campos. Produz-se pouco e cada vez menos, e boa parte do pouco que se produz não logra chegar aos mercados consumidores. Não se quer vêr, porém, tais causas e pensa-se resolver o problema com providências meramente policiais, que só o poderão agravar. Tem falta, pois, um governo á altura da situação.

PACIFICAÇÃO POLÍTICA DO RIO GRANDE DO SUL

Na breve palestra cordial que mantivemos com o líder da campanha pela implantação do regime Parlamentar, logicamente teríamos de abordar a propalada pacificação política do Estado, que andou no noticiário da imprensa metropolitana e, agora momentaneamente relegada a um plano secundário, devido a forte reação encontrada nos meios opositoristas do Rio Grande.

Eis, o que disse o Prof. Raul Pilla:

Quanto á pacificação política do Estado, começarei perguntando: Há alguma guerra no Estado? Está a oposição negando pão e água ao governo? Se tal não ocorre, a tal pacificação de que se fala, somente pode visar uma coisa: adormecer e eliminar a oposição. Isto poderá ser de sumo interesse para o governo, mas não o pode ser ao regime e do próprio Estado.

E, finalizando a entrevista pois s.s., não dispunha de mais tempo para responder a outras perguntas que desejaríamos fazer-lhe, o deputado Raul Pilla, arrematou dizendo:

— O normal é que, haja governo e oposição. E que esta seja ativa e vigilante.